A língua falada na aldeia do Manga é o português, o patuá ou kheuó, o timbira e até francês. O timbira é a língua da nação tapuiá, da qual originou-se essa população. Essas línguas entram em ação somente pela vontade própria de cada falante de acordo com a necessidade de negociação. Nos contatos com outros povos, a comunicação se dá em kheuó ou patuá, se se trata de guianenses, inclusive se os falantes forem nativos de outras áreas da Guiana Francesa a comunicação será nessa língua. Se se trata de pessoas da mesma família, a comunicação se dá em português ou patuá. Há um jogo de interesse na negociação, conforme o receptor da língua em questão.

A área indígena de São José do Galibi do Oiapoque está situada a 30 minutos da sede do município, às margens do rio Oiapoque.


Vejamos agora um apuardo geral etnográfico dos povos investigados. No município de Oiapoque, os karipunas se distribuem por dez aldeias, localizadas por Domingos Santa Rosa. As línguas que aí se ouvem são sobretudo a lang patuá ou kheuó, o português, o francês e o timbira. Ao longo do rio Curipí, encontram-se karipunas e galibi-mararov, sobretudo na aldeia de Manga. O total de habitantes é de 462 pessoas, tendo por cacique Luciano dos Santos. Eles moram em 96 casas. 229 crianças estão frequentando a escola.

Os palikurs do Oiapoque têm por língua materna o próprio palikur. Eles falam também o patua ou kheuó e o português. Eles se distribuem por 10 aldeias, tendo como chefe do posto Nilo Martinsman.

Ao longo do rio Urukuâ, temos mais outros grupos palikur e karipuã, os últimos sobretudo na aldeia Flexa, num total de 69 índios, cujo cacique é Josimar Lapa. Contaram-se 29 estudantes. Quanto aos palikurs, num total de 44 pessoas, concentravam-se na aldeia tawary. Seu cacique é Emílio Leôncio (Simião). 34 crianças desse grupo frequentam a escola.

Ainda em Oiapoque, existem mais dois grupos de karipuã e galibi kalina. Entre os segundos, falam-se galibi, patuá, português, francês. Um grupo tem como cacique Gregório Naziazeno Lod; o outro, Geraldo Lod. Esses dois grupos se distribuem por duas aldeias.


Por se tratar de um trabalho inicial, não vamos entrar em muitos detalhes sobre a gramática da língua kheuol. Neste momento, damos apenas como se usam algumas das formas mais comuns dessa língua. Conhecemos pelos pronomes pessoais. Todos são seguidos de pelo menos um exemplo. Em (1) temos os do caso reto, sujeito.

(1)
kheuol | português | exemplos
---|---|---
Mo | Eu | Mo thawal deho lekol
U | Tu | U xati pu Seic.
Li | Ele/a | Si li pa giie lajam, li pa heti ikii.
No | Nôs | Le ko no ka tuin.
Zôt | Vôs | Zôt ka ale lahi ke mopa papa.
Ie | Elas, elas | Lame adhet ka ke je zong ghâ

Em (2), vêem-se os pronomes pessoais do caso oblíquo, ou seja, objeto.

(2)
kheuol | português | exemplos
---|---|---
Mo | Me, mim | Lok bai mo kafe ke miel Pai bai kopa bôô bai mo Pai pa xi mo ke tibô baba Madame ka film me mo.
U | Te | Komâ u ka ale?
Li | O | A Li ba so Pitxit Jeri.
No | Nos | No ke giie no libiâee.
Zôt | Vocês | Kûmâ mo köTT zôt mem.
Ie | Ele(a/s) | Sa Xîmeun-ilea ale u sa te papa.

Em (3), temos os pronomes possessivos. Como se vê, eles podem apresentar formas alternativas.

(3)
kheuol | português | exemplos
---|---|---
Mo | Meu, minha | Mo pitxit
U | Teu, tua | U xive li ka joli
So | Dele, dela | Le posô so la umu fu, il ka deho di lej sopa.
No | Nosso (as) | No ximun
Zôt | De vocês | Zôt mâmâ
Ie | Deles, delas | Mo ahâfue ale pa fo kaz ie.

Formas alternativas:
Mopa | Meu, minha | Sa bato a mopa.
Upa | Teu, tua | Sa kâz a upa.
Sopa | Dele, dela | Sa fam a sopa.
Nopa | Nosso (as) | Sa lejâ a nopa, nopa köte la fini
Zôpa | De vocês | Sa xa ka lasu mo tate a zôpta.
Iepa | Deles, delas | Sa lej ale ma malet iepa.

Em (4), temos dois exemplos de vocábulos déiticos, demonstrativos. O segundo deles é de caráter verbal.

(4):
kheuol | português | exemplos
---|---|---
Sa | Este/a | Sa globe plc, sa la vid; Sa fam a mo tan
Voalâ | Eis | si heto âseem ke uóð mun osi
'Se nós ficarmos unidos também'
'Se la a mo papa, uóð-la a mo ñóó' 
'Este é meu pai, o outro é meu tio'
Voalâ | Voalâ mo ñóó, Voalâ mo kûmûntime.

Nas frases seguintes de (5), temos exemplos de uso de pronomes relativos, interrogativos e causais.

(5)
kheuol | português | exemplos
---|---|---
Ki | Que | ki bai no lavi-la pu no fue 'Que doar a vida pelo
Quem | kimum | irmão' Kimum
Kin | Kimun ka veni isi? 'Quem está vindo aqui?'
Quem | Kimun ka juc balon? 'Quem está jogando bola?'
Kisa | Que coisa? | 'Quem está fazendo?' Kisa u ka fé?
Quanto(s) | ¿Kôbîe pitxit mân géê? 'Quanto filhos a serhora tem?'
Akote? | Akote li ale thawal? 'Onché ela vai trabalhar?'
Quem | Kôbîe | 'Quanto vocês estão alelando?'
Quando? | Dijkim rôzi ka phaliz? 'Quem vocês estão falando?'
De quem? | Dijkim rôzi ka phaliz? 'Quem vocês estão falando?'
Kumã (sôble) | Kumã ka ale? 'Como está indo?'
Como | Como | 'Como está indo?'
Kibet kin? | Kibet kim milje nopa avoa? 'Quem começou nossos abatâes?
Quem | Ke kimun? | 'Quem começou nossa noção ale?'
Com quem? | 'Com quem nosso pesso foi?'
A | A | ke kimun | 'Com quem eu ficou?'
A ke kimun | 'Com quem eu ficou?'
Puki sa? | Puki sa li pa veni ik? 'Por que Ele não veio aqui?'
Por quê? | Pase | Pase la li mulud 'Porque ele estava doente' (causal)
BICKERTON IRRECONCILIÁVEL: O CONCEITO DE PROTOLINGUAGEM E SUA INADEQUAÇÃO EM UMA ABORDAGEM EVOLUTIVA E SOCIAL DA LINGUAGEM

Humberto Luiz Galupo Vianna

“O pêra é um fingidor.
Finge tão completamen
t que chega a fingir que é do
tese que devera sente”.
(Fernando Pessoa, “Autopsicografia”)

“A única maneira de fazer de conta que se fala chinês quando se fala com um cidadão chinês é dirigir-lhe a palavra em chinês. Por conseguinte, nessa ordem de enumeração, a simulação é simulação de simulação (para fazer de conta, fazendo realmente: portanto, eu só fui que fingiu).”
(Jacques Derrida, A escritura e a diferença)

Introdução
Escrever sobre evolução da linguagem em uma revista de estudos criooulos (e similares) tem para mim um significado político, muito mais que valor acadêmico. E isso porque o tratamento que tem sido dado a sistemas dinâmicos - por exemplo, as línguas, os organismos - em uma certa literatura linguística com viés biológico, interfere diretamente no modo como vemos os processos de constituição do modo de vida de grupos humanos. Eu, particularmente, me sinto no dever de declarar e expor a visão que considero mais útil.

Os textos sobre evolução da linguagem que vou discutir aqui são principalmente duas obras do lingüista Derek Bickerton, Language & species [BICKERTON, 1992] e Linguistic re-machina: reconciling Darwin and Chomsky with the human brain [CALVIN & BICKERTON, 2000], onde o autor nos oferece uma narrativa sobre a constituição evolutiva da linguagem. Ao sugerir que línguas “em formação” (ou seja, aquelas que o linguista observa e descreve no “salto quântico” de sua genealogia - as línguas pidgin e crioulas) são modelos vivos do processo de formação da linguagem como uma característica específica de nossa própria espécie, o autor está utilizando um recurso há muito conhecido nas ciências históricas - como a geologia ou a biologia evolutiva - que é inferir processos passados a partir da observação de processos atuais presumivelmente idênticos.

Um exemplo clássico desse princípio de uniformitarismo de processo encontra-se no primeiro livro de Charles Darwin, sobre a formação dos atóis - os anéis de recife de coral encontrados em alto mar - The structure and distribution of coral reefs, of 1842 [GOULD, 1992, p. 127]. O método de Darwin é bastante simples, mas não menos cenganoso: se os processos históricos de grande escala se desenvolvem em tempos distintos, vários de seus estágios devem ainda existir na natureza. Assim, Darwin cataloga três estádios presentes da constituição dos recifes de coral (recifes de cora, barreiras de recife e os próprios atóis), e infere que estes são estágios na formação de qualquer atol.